

A DIGRESSÃO LÓGICO-EXPERIENCIAL EM ENTREVISTAS

Albenise Mariana de Queiroz Sales (UFCG)

albenise.mariana@gmail.com

Carolyne Mauricio da Silva (UFCG)

jesus.e.fiel7@hotmail.com

Resumo

O seguinte artigo tem por objetivo analisar a ocorrência de digressão lógico-experiencial em entrevistas, e como esse tipo de digressão influencia na descontinuação do tópico discursivo que circunda as entrevistas sob análise. Para isso faremos uma introdução sobre as principais características do gênero entrevista, bem como as características da digressão lógico-experiencial, e então passaremos a analisar de que forma se dá a ocorrência desse tipo de digressão nas entrevistas escolhidas para análise.

Palavras-chave: Gênero; entrevista; fala; escrita; digressão, lógico-experiencial.

Introdução

Na comunicação tanto falada quanto escrita, utilizamos gêneros textuais a todo o momento, desde um seminário a uma conversa no telefone, ou um simples bilhete passado em sala de aula por exemplo. Existe uma grande variedade de textos que permeiam o nosso dia a dia. E todo texto usado em um discurso tem uma finalidade comunicativa, onde emissor e receptor usam os gêneros adequados, seja para persuadir, informar, relatar algo, enfim, entre outros objetivos que se adaptam a cada situação, para que seja possível a comunicação.

Entre tantos gêneros se encontra o gênero entrevista, um gênero que tem por base a língua falada, e tem um modo específico de se construir, tanto por quem pergunta quanto por quem responde, de uma forma que as pessoas que estão assistindo, ouvindo ou lendo entendam o que se passa no momento dos questionamentos. É um gênero oral, porém perpassado pela escrita, em que entrevistador e entrevistado constroem juntos a

interação, interação essa coordenada por um determinado tópico construído através de perguntas e respostas.

Como se trata de uma interação, mesmo que seja uma interação de certa forma planejada, é comum que em certas entrevistas ocorra um desvio do tópico discursivo em andamento, algumas vezes por parte do entrevistador e outras vezes por parte do entrevistado. Esse desvio ao tópico discursivo se configura em uma digressão. Veremos então, como se dá a ocorrência de digressão de modo geral, e depois a digressão lógico-experiencial nas entrevistas escolhidas para análise, e quais as suas conseqüências para a interação.

Para constituir o *corpus* de análise escolhemos duas entrevistas, uma escrita, proveniente do site da revista *Revista escola*, na qual a entrevistada é a professora Antonieta Celani, discorrendo sobre o ensino de língua estrangeira, e outra oral, de Jô Soares, entrevistado por Marília Gabriela no programa *Marília Gabriela Entrevista*, na qual ele fala sobre sua profissão.

1. A entrevista como gênero textual: Características e especificidades

A entrevista pode ser classificada como um gênero que se situa entre as duas modalidades de uso da língua, a fala e a escrita, cujo principal objetivo é a interação entre os indivíduos. A estrutura canônica da entrevista se configura no papel do entrevistador, que orienta a interação abrindo e fechando a entrevista, fazendo perguntas ao entrevistado, reorientando a interação caso ocorra um desvio do tópico discursivo, e do entrevistado, cuja contribuição principal na interação é a de responder às perguntas feitas pelo entrevistador.

Quanto às funções da entrevista como gênero, se constituindo em um evento comunicativo, conforme aponta Hoffnagel (2005, p.180) estão as funções de informar o público sobre determinado tema, e em alguns casos formar a opinião pública. Situados entre essas funções, e concedendo outras funções à entrevista, estão os tipos de entrevista, tais como entrevista jornalística, entrevista de emprego, entrevista médica, entrevista de rádio, entrevista televisiva, etc.

Considerando o modelo padrão de entrevista, no qual o direito dos participantes é diferente, visto que o entrevistador faz as perguntas e posteriormente cede o turno conversacional ao entrevistado, Barros (2000, p.61) ressalta que toda entrevista possui certo planejamento, principalmente por parte do entrevistador. Esse planejamento que permeia as entrevistas de modo geral, entretanto, não apaga as marcas de elaboração e

reelaboração realizadas pelo entrevistador e entrevistado, nem tampouco apaga as marcas de oralidade, visto que a entrevista, como salientamos anteriormente, é um gênero cujo principal objetivo é a interação, e primordialmente a interação verbal. A entrevista é, então, um gênero situado entre a fala e a escrita, porém envolvido primordialmente pela interação verbal. Os tipos mais comuns de entrevista se situam dentro do plano oral. Com relação às entrevistas publicadas em revistas, por exemplo, tem-se a transcrição de uma entrevista realizada primeiramente na forma oral, fenômeno também considerado como edição (Ibid. p. 62), na qual a entrevista passa da modalidade oral para a modalidade escrita.

Como analisaremos uma entrevista proveniente de uma revista, faz-se necessário antes ressaltar que entrevistas publicadas em revistas variam com relação aos objetivos pelos quais são realizadas. Por essa razão, os tipos mais comuns de entrevistas em revistas são as que entrevistam um especialista, as que entrevistam uma autoridade e as que entrevistam pessoas públicas. (Hoffnagel, 2005, p. 183)

Com relação à estrutura da entrevista, Fávero (2000, p.82) aponta que a entrevista é constituída de um “tempo de preparação, o da entrevista propriamente dita e o da edição.” O tempo de preparação equivale ao planejamento existente da parte do entrevistador e algumas vezes do entrevistado.

Na entrevista oral destaca-se o par dialógico Pergunta-Resposta (Ibid. p.84), se constituindo em um aspecto essencial na interação. Considerando o grau de envolvimento ou distanciamento entre entrevistador e entrevistado, a entrevista pode ser de cunho formal, em que o entrevistador faz as perguntas e o entrevistado apenas responde a essas perguntas, e a entrevista pode também se configurar de maneira diferente, em que há certo envolvimento entre entrevistador e entrevistado, pelo fato de já se conhecerem, por exemplo, e a entrevista é marcada por intervenções tanto do entrevistador, que faz as perguntas, mais também intervém na interação, aproximando assim a entrevista de uma conversação espontânea.

A entrevista escrita se configura, na maioria das vezes, em transcrições de entrevistas orais que serão publicadas em jornais ou revistas. A entrevista escrita também se apresenta na forma pergunta-resposta, por isso é apresentada em forma de diálogo, embora as marcas da oralidade, como repetições, hesitações desapareçam.

2. Tópico discursivo

Como aponta Castilho (2010, p.232), “No discurso, o tópico é o assunto, o tema, à volta do qual giram as intervenções.” Tanto na conversação espontânea, como na

entrevista, o tópico discursivo se constitui e se desenvolve através de um processo de colaboração entre locutor e interlocutor. Na entrevista, o tópico discursivo que circunda a interação é iniciado por uma pergunta feita pelo entrevistador, e as intervenções do entrevistador, através das perguntas, e do entrevistado, através das respostas, dão continuidade ao tópico.

A entrevista possui certo planejamento, a começar pela escolha do tópico discursivo e a elaboração de perguntas que giram em torno desse tópico. Porém, dependendo das relações de distanciamento ou envolvimento entre entrevistador e entrevistado, do contexto situacional, por exemplo, pode ocorrer um desvio do tópico discursivo em andamento, por exemplo, quando o entrevistador introduz com uma pergunta um novo tópico, ou até mesmo o entrevistado introduz outro tópico através das respostas. Quando há uma interrupção do tópico discursivo, com a introdução de um novo tópico, ocorre a digressão.

2.1. A digressão como estratégia de descontinuação tópica

Conforme Fávero, (2003, p.58):

“A digressão pode ser definida como uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento. Assim, os falantes estão desenvolvendo um tópico A (1ª etapa), O falante 1, por exemplo, introduz um tópico B (2ª etapa). Este tópico é desenvolvido e, Momentos depois, é encerrado (3ª etapa). A seguir, o tópico A é reintroduzido (4ª etapa).”

A digressão, então, localiza-se nas 2ª e 3ª etapas, e se configura em um processo de descontinuação do tópico discursivo (Castilho, 2010, p.236) através do qual os interlocutores conduzem a interação e mudam o domínio de relevância de um tópico para outro tópico, conforme consideram necessário. Vale ressaltar que, com relação às etapas da digressão citadas por Fávero, nem sempre ocorre a reintrodução do tópico discursivo em andamento, que é a 4ª etapa. É comum, em conversações espontâneas, existir vários domínios discursivos, por isso é constante a mudança de tópicos, e maior a ocorrência de digressões.

Com relação ao gênero que estamos tratando nesse artigo, tanto na modalidade oral como na modalidade escrita, deve-se salientar que, por se tratar de uma interação

com certo planejamento, é comum a reintrodução do tópico com uma pergunta do entrevistador ou até mesmo com a intervenção do entrevistado. Isso depende, mais uma vez, do distanciamento ou envolvimento entre entrevistador e entrevistado. Entrevistas nas quais os interlocutores possuem algum envolvimento tendem a ser mais descontraídas, e apresentam, portanto, maior ocorrência de digressão, como ocorre nos programas de entrevistas televisivas. Quando há distanciamento entre os interlocutores, a entrevista tende a apresentar poucas ocorrências de digressão, principalmente porque o entrevistado se preocupa em responder apenas o que tem relação com o tópico discursivo introduzido pelas perguntas do entrevistador.

2.1.1. Digressão lógico-experiencial

Antes de partirmos para a análise das entrevistas iremos discorrer sobre a digressão lógico-experiencial, que comumente ocorrem em entrevistas de modo geral, mais principalmente em entrevistas televisivas, e mais próximas da conversação espontânea.

Tomando por base Fávero (2000, p.102-103), a digressão lógico-experiencial também classificada como digressão baseada no enunciado, é um tipo de digressão que mantém alguma relação semântica ou pragmática entre o tópico em que estava em andamento até então e o digressivo. Nesse tipo de digressão, o foco discursivo é direcionado de acordo com o que um dos interlocutores considera necessário, e é baseado nas experiências vividas pelo locutor ou interlocutor. Na maioria das vezes esse tipo de digressão é introduzido por marcadores conversacionais como “então”, “por falar nisso”, “a propósito”, e é encerrado com expressões como “agora”, “perdão, continue”, “voltando ao assunto”, entre outros, contudo não é necessário que isso ocorra em todas as entrevistas.

2.1.2 Digressão lógico-experiencial em entrevistas: análise de trechos de entrevistas orais e escritas

O primeiro trecho sob análise abaixo foi transcrito da entrevista de Jô Soares para o programa Marília Gabriela Entrevista. Vamos considerar Marília Gabriela como L1 e Jô Soares como L2:

L1 Você tava graVANDo...

L2 tava...

L1 cê tem esse prazer até hoje, Jô? Ainda te dar prazer ou as vezes você f/ fica muito cansado?

L2 Não me da MUIto prazer... muito pra/ cansa também mas me dá muito prazer *Ainda agora o rapaz do... do video show tava perguntado...mas...cê... ainda fica nervoso? eu disse SEMpre,*

L2 Jô: *Sempre que eu começar...*

[

L1 *Você fica nervoso?*

L2 *Fico... não é nervoso de de de...roer unha mas se não Tiver aquela coisa...né...aquela vibraÇÃO...que o nervoso dá Antes de começar depois que começa não...não tem graça...né? então eu acho que uma/é um sinal que eu faço:: aquilo que eu gosto e faço do jeito que eu gosto então isso ai é...eu acho que é uma coisa MUito gratificante então me dá muito prazer fazer isso*

Inicialmente, L1 inicia a entrevista interrogando L2 sobre o seu trabalho, nesse caso, a gravação de entrevistas. Logo em seguida inicia o tópico “sensações de Jô Soares com relação à gravação” através da pergunta “cê tem esse prazer até hoje, Jô? Ainda te dar prazer ou às vezes você f/ fica muito cansado?”. L2 responde que fazer o que ele faz dá muito prazer e que cansa às vezes, respondendo de acordo com o que L1 tinha perguntado. Porém, L1 introduz um novo tópico ao comentar sobre “pergunta de um rapaz do vídeo show sobre o nervosismo de Jô durante as gravações”, o que interrompe o tópico que estava se desenvolvendo até então, e faz com que L1 faça uma nova pergunta que tem relação com o tópico introduzido por L2. Depois da nova pergunta “*Você fica nervoso?*”, L1 responde, agora dentro do tópico “nervosismo de Jô durante as gravações”, e reintroduz o tópico do início “sensações de Jô Soares com relação à gravação” através do marcador ‘então’ no trecho “então me da muito prazer

fazer isso”.

A digressão lógico-experencial se encontra no trecho transcrito da entrevista que vai desde “*Ainda agora o rapaz do...*” até “*gratificante*”, que tem uma certa relação semântica com o tópico que estava sendo desenvolvido pelo fato de o nervosismo se tratar de uma sensação experimentada por L1 durante o seu trabalho.

A segunda entrevista sob análise é a entrevista concedida pela professora Antonieta Celani à revista *Revista Escola*. Como se trata de uma entrevista publicada em revista, pode ser classificada como entrevista de pessoa pública, pelo fato de uma professora estar sendo entrevistada. O trecho sob análise é o seguinte:

É importante que esses conteúdos estejam relacionados às práticas sociais de leitura e escrita?

ANTONIETA Sim. *Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Estrangeira, lançados em 1998, do qual sou coautora, recomendamos a ênfase em leitura e escrita, considerando as situações do contexto brasileiro. Fomos massacrados. Diziam que a proposta era elitista, pois excluía a possibilidade de acesso do estudante ao desenvolvimento das quatro habilidades - ler, falar, escrever e compreender. Mas como, sem preparo, o professor pode desenvolver a habilidade de fala com 50 crianças por classe em duas horas semanais? Agora, justamente as práticas de leitura e escrita aparecem como uma necessidade social.*

O tópico central que permeia toda a entrevista é o “Ensino de Língua Estrangeira”. No trecho acima, o entrevistador que trabalha para a *Revista Escola* inicia o subtópico “importância das práticas sociais de leitura e escrita para o ensino de língua estrangeira” através de uma pergunta, que tem como resposta inicial “sim”. Em seguida, a professora Antonieta introduz um novo tópico ao comentar sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram lançados em 1998 e dos quais ela é coautora, e que a proposta sobre a ênfase nas práticas de leitura e escrita não tinham sido aprovadas, no trecho “*Fomos massacrados. Diziam que a proposta era elitista*”. A introdução do tópico “propostas de leitura e escrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais” abandona por um momento o tópico sobre a importância dessas práticas no ensino de língua estrangeira, o que se configura em uma digressão lógico-experencial.

Com o trecho “*Agora, justamente as práticas de leitura e escrita aparecem como uma necessidade social*”., Antonieta reintroduz o tópico “importância das

práticas sociais de leitura e escrita para o ensino de língua estrangeira” alegando que essas práticas são uma necessidade social.

Fica claro, através das análises feitas, que a digressão lógico-experiencial é uma estratégia realizada pelos entrevistados para enfatizar o domínio discursivo que consideram necessário, para que as respostas sejam completas, e não apenas “sim” ou “não”, respostas essas baseadas em suas experiências e conhecimentos. É o que ocorre na entrevista da professora Antonieta, que para não responder apenas “sim”, introduz um novo tópico para enfatizar que a importância da leitura e da escrita no ensino de língua estrangeira é tal, que sua prática foi recomendada nos *PCNs* de 1998.

Na primeira entrevista, na qual entrevistadora e entrevistado mostram certo envolvimento, pelo fato de se conhecerem e trabalharem para a mesma emissora de TV, a digressão se apresenta mais distante do tópico em andamento do que na segunda entrevista, aspecto que também reflete a estratégia usada pelo entrevistado para enfatizar o que considerava importante, e o sentimento de liberdade para se expressar pelo seu envolvimento com a entrevistadora.

3. Considerações Finais

Considerando o conceito de digressão lógico-experiencial, bem como a análise da ocorrência desse tipo de digressão nas entrevistas escolhidas, depreende-se então que, mesmo se tratando de uma descontinuação do tópico discursivo, visto que há um desvio do tópico em andamento, esse tipo de digressão não provoca um desvio irreversível, dando a possibilidade de entrevistador ou entrevistado voltarem ao tópico que havia sido abandonado, principalmente pela relação existente entre o tópico em andamento e o tópico digressivo.

Através das análises é possível perceber também que não há diferença na ocorrência desse tipo de digressão em entrevistas orais e escritas, visto que o que influencia não é em que modalidade e entrevista se apresenta, e sim os fatores que a constroem, como o envolvimento ou distanciamento entre entrevistador e entrevistado, o contexto situacional, e o próprio tópico discursivo, que pode facilitar a ocorrência de digressões.

Por fim, a digressão lógico-experiencial também se configura em uma estratégia pela qual o usuário da língua, no momento da entrevista, escolhe um domínio discursivo que considera importante para enfatizá-lo, justamente por ter, pelo menos, uma relação

mínima com o tópico em andamento, e que pode servir como esclarecedor ou reforçador de determinado argumento, fazendo com que no fim as respostas se tornem mais completas e a interação seja bem sucedida.

Referências:

ALMEIDA, Daniela. *Antonieta Celani fala sobre o ensino de Língua Estrangeira*. Disponível em:< <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>>. Acesso em 25/11/11.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. *A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos*. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.p.99-128.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias*. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. P. 57-77.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A conversação e o texto*. In: *Nova Gramática do português falado*. São Paulo: Contexto, 2010.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes. *A entrevista na fala e na escrita*. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.p.79-97.

FÁVERO, Leonor Lopes. *O Tópico discursivo*. In: PRETI, D.(org.).*Análise de textos orais*.6ª edição.São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.p.39-63.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss.*Entrevista: uma conversa controlada*.In: *Gêneros textuais e ensino*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

 .*MARÍLIA GABRIELA ENTREVISTA JÓ SOARES GNT PARTE I* .Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FHg_X6zqfxo> acesso em 25/11/11.